



O MUSEU COMO ESPAÇO DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL E DE INTEGRAÇÃO DO IDOSO NA SOCIEDADE

Adson dos Santos Bastos¹
Fabrício Oliveira da Silva²
Alexsandro Ferreira de Souza Silva³

GT8 – Espaços Educativos, Currículo e Formação Docente (Saberes e Práticas)

RESUMO: Nesta pesquisa os museus são considerados espaços de educação não formal que proporcionam a aprendizagem de conteúdos variados, tendo papel importante na preservação da história e memória da cultura de um povo ou região, mas também como agente de difusão e divulgação científica. Partimos do princípio de que seus acervos representam excelentes instrumentos didáticos e metodológicos para o resgate da memória e valorização da cultura, como também para a obtenção de novas experiências e informações, além de contribuírem para a aquisição de conhecimentos científicos, inclusive para os idosos, público-alvo dessa pesquisa. Como idoso, está se considerando a população de 60 anos ou mais, tal como estabelecido na Política Nacional do Idoso. Nesta pesquisa, nos interessamos em compreender como se estabelece o contato do público da terceira idade quando este se depara com experiências museais. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e para produção de dados utilizamos como instrumentos a observação do comportamentos das idosas durante a visita ao Museu Casa do Sertão, lócus dessa pesquisa, e por fim foi realizado um grupo focal. A partir da interpretação dos dados nota-se que os museus são espaços de reencontro agradáveis com lembranças de tempos de outrora, de interação, de lazer e de aprendizagem para o público idoso.

Palavras chave: Museu Regional; Terceira Idade; Memória.

RESUMO: En esta investigación los museos son considerados espacios de educación no formal que proporcionan el aprendizaje de contenidos variados, teniendo un papel importante en la preservación de la historia y memoria de la cultura de un pueblo o región, pero también como agente de difusión y divulgación científica. En el caso de las personas con discapacidad, las personas con discapacidad, las personas con discapacidad, las personas con discapacidad, -alvo de esa investigación. Como anciano, se está considerando la población de 60 años o más, tal como se establece en la Política Nacional del Anciano. En esta investigación, nos interesamos en comprender cómo se establece el contacto del público de la tercera edad cuando éste se depara con experiencias museales. Se trata de una investigación cualitativa y para la producción de datos utilizamos como instrumentos la observación del comportamiento de las ancianas durante la visita al Museo Casa del Sertão, locus de esa investigación, y por fin se realizó un grupo focal. A partir de la interpretación de los datos se nota que los museos son espacios de reencuentro agradables con recuerdos de tiempos de otrora, de interacción, de ocio y de aprendizaje para el público anciano.

Palabras clave: Museo Regional; Tercera edad; La memoria.

¹ Professor Auxiliar da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Mestre em Ensino, História e Filosofia das Ciências pela UFBA/UEFS. Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC-UNEB). Membro do Grupo de Pesquisa (Auto)Biografia, Formação e História Oral - GRAFHO. E-mail: <abastos@uneb.br>.

² Professor Assistente da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Mestre em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP). Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEDUC – UNEB). Membro do Grupo de Pesquisa Docência, Narrativas e Diversidade – Diverso. E-mail: <faolis@ig.com.br>.

³ Graduando em Licenciatura em Ciências Biológicas, DEDC-VII da Universidade do Estado da Bahia - UNEB.



INTRODUÇÃO

A educação, enquanto forma de ensino e aprendizagem, é adquirida ao longo da vida dos cidadãos e pode ser dividida em três diferentes modalidades: educação formal, educação informal e educação não formal. A educação formal é aquela que ocorre nos espaços formais de educação, ou seja, nas escolas e universidades. Entretanto, para Jacobucci (2008), o espaço formal diz respeito apenas a um local onde a educação ali realizada é formalizada, garantida por Lei e organizada de acordo com uma padronização nacional.

Já para Libâneo (2008) a educação formal seria aquela estruturada, organizada, planejada intencionalmente e sistemática. Corroborando com Libâneo; Garcia (2005) diz que a educação escolar é aquela em que o saber é sistematizado, o que justifica a sua definição como educação formal.

Por outro lado, a educação abrange um universo que extrapola a instituição escolar, esta socialmente entendida como responsável pela formação dos indivíduos, principalmente no que diz respeito ao acesso aos conhecimentos historicamente acumulados e sistematizados. Para além das experiências educativas escolares, há aquelas que ocorrem fora dos muros da escola e que podem ser denominadas de educação informal e educação não formal.

A educação informal compreende um processo permanente, espontâneo e não organizado. Nela, os conhecimentos são repassados por meio das experiências e práticas cotidianas que ocorrem durante o processo de socialização dos indivíduos na família, no bairro, no clube, no cinema, na igreja, no teatro, em leituras e outros contextos, ou seja, aquela que decorre de processos naturais e espontâneos. Já a educação não formal é aquela que ocorre quando existe a intenção de determinados sujeitos em criar ou buscar determinados objetivos fora da instituição escolar. Assim, segundo Gohn (2008, p. 98):

A educação não formal pode ser definida como a que proporciona a aprendizagem de conteúdos da escolarização formal em espaços como museus, centros de ciências, ou qualquer outro em que as atividades sejam desenvolvidas de forma bem direcionada, com um objetivo definido.

Neste contexto, as práticas educativas desenvolvidas pelos museus fazem parte de suas funções, em termos de comunicação e divulgação científica, e situam-se no campo da educação não formal. A oferta da educação não formal vem ampliando-se e organizando-se em função de objetivos explícitos, e que, embora seja distinta da escola formal, não deixa de ser planejada, com organização específica e visando uma determinada intenção (GOHN,



2001). Dessa forma, espaços não formais de ensino também são responsáveis e grandes influenciadores dos modos de pensar e agir das pessoas que costumam frequentar esses espaços, não cabendo esta responsabilidade apenas ao ensino formal.

Por isso, Museus e Centros de Ciências e Tecnologia, por exemplo, representam espaços de educação não formal, uma vez que neles ocorre a construção de saberes, estimulada por situações inéditas e essencialmente intencionais que são apresentadas nas exposições e atividades propostas por estes espaços, permitindo a ampliação do conhecimento sobre o mundo e sobre as relações nas quais os indivíduos tomam parte. (GOHN, 2006)

Neste contexto se enquadra o Museu Antares de Ciência e Tecnologia, cenário de estudo dessa pesquisa. Segundo Pereira et al. (2007, p. 11), estes espaços “pretendem educar por meio da sensibilização e cultivam a comunicação e produção de significados a partir de seus objetos, exposições, propostas educativas”. Para Jacobucci (2008, p. 11):

Espaços com essas características estimulam a curiosidade dos visitantes, oferecendo a oportunidade de suprir, ao menos em parte, algumas das carências da escola, como a falta de laboratórios, recursos audiovisuais, entre outros, conhecidos por estimular o aprendizado.

Além disso, os museus são espaços nos quais se preserva aquilo que possui algum valor cultural, histórico, social ou político. Configuram-se, então, como lugares para preservar a memória e retratar a produção de saberes em determinado período, carregando em si um conjunto de objetos que, na verdade, são símbolos que demarcam um tempo. Nesta memória social, o indivíduo e a sociedade se identificam através dos significados destes objetos.

A representatividade das práticas, técnicas e saberes nos museus foram se transformando no decorrer do tempo, afinal, a cultura não é estática e flui de acordo com o seu tempo. Então o museu também é um espaço de ensino no qual há algum tipo de aprendizagem, mas é um espaço de ensino não formal, não porque lhe falta algo, mas pela sua especificidade.

Esses espaços têm como objetivos principais facilitar a compreensão dos processos que envolvem as ciências, incentivar a popularização do conhecimento científico, além de tornar a ciência e a tecnologia mais próximas da realidade das pessoas. (MARANDINO, 2004)

Outro grande benefício desses espaços é conseguir reunir diversas áreas do conhecimento em um mesmo lugar, contribuindo para a interdisciplinaridade do ensino.



Colaboram, assim, para integrar os conteúdos das diversas áreas do saber, possibilitando uma visão global dos processos relacionados às ciências.

Desse modo, a divulgação científica através dos museus de ciência pode contribuir para diminuir a distância entre o pesquisador, a ciência, o desenvolvimento tecnológico e a vida das pessoas (MARANDINO, 2003). Os ambientes não formais de aprendizagem apresentam-se como locais agradáveis de troca de experiências, de formação de grupos, de proximidade, de brincadeiras e de jogos, favorecendo assim a aprendizagem. (OLIVEIRA; MOURA, 2005)

Os espaços de ensino não formais, como os museus, possuem, portanto, uma função de patrimônio social e também desempenham na sociedade um papel pedagógico quando apresentam objetos e textos que são representações do conhecimento científico. O papel pedagógico dos museus de ciência está expresso na divulgação e socialização dos conhecimentos científicos, ou seja, os museus científicos são instituições preservadoras dos produtos socioculturais da ciência (LOUREIRO, 2008). A representatividade do conhecimento científico e cultural pode, portanto, ser gerada na sociedade por intermédio dos visitantes do museu.

MUSEUS: ESPAÇO FÉRTIL PARA INTEGRAÇÃO DO IDOSO NA SOCIEDADE

Os museus ao longo dos tempos vêm se consolidando como espaço privilegiado para o resgate da identidade comunitária, como também da identidade regional. Se no início, os museus serviam apenas para albergar as coleções e para reprodução de conhecimentos de diferentes áreas, tendo como principal função catalogar, expor e conservar as peças, hoje os museus lutam ferozmente contra esta imagem que se foi construindo ao longo dos mais de duzentos anos após a sua fundação. (SOUZA, 2010)

Com as mudanças na concepção o museu é um espaço que deixa de ser uma espécie de local incômodo, inóspito, frio, voltado à contemplação de uma cultura fossilizada, associado a elites e pouco atrativo à população em geral, e passa a ser um local rico e com potencial para o desenvolvimento. Jacobucci (2008), afirma que atualmente, no mundo todo, os museus estão reestruturando suas exposições e atividades para atraírem cada vez mais visitantes e possibilitarem um retorno permanente das pessoas.

Ainda segundo a autora, um museu precisa estruturar suas atividades de forma que o público possa se interessar pelos assuntos tratados logo na primeira visita, uma vez que



não há como prever quando os visitantes retornarão ao espaço. Nesse sentido, vários recursos, técnicas e estratégias expositivas adotadas nos museus têm transformado a relação entre o objeto exposto e o visitante em uma interação dinâmica, que envolve a participação ativa do público.

Para Valente (1995) os museus devem manter uma preocupação com a maneira como o visitante interage com o que está exposto. Por isso, deve levar em consideração a bagagem anterior do indivíduo, estimular sua curiosidade, motivação, além de fornecer condições de realizar as próprias descobertas a partir de observação, leitura, registro e relação com seus conhecimentos prévios. Sendo assim, cada público tem a sua especificidade e essa deve ser levada em consideração.

Cazelli; Marandino; Studart (2003, p. 92) afirmam que “cada vez mais se defende que as investigações e as ações relativas ao papel educacional dos museus sejam realizadas na perspectiva do visitante, das suas concepções, da sua agenda, de seus conhecimentos e interesses”. Assim, conhecer o público em suas dimensões sociais, culturais e individuais é um caminho necessário para o estabelecimento de parâmetros para organizar as atividades.

Para Fernández (1999), nos dias atuais, os museus, mais do que espaços de herança do passado, são espaços que garantem a sobrevivência da identidade cultural dos povos, pelo seu papel de preservação e de promoção de patrimônios. Hoje, os museus devem ser espaços de troca, descoberta, produção de sentido, criação, mas, sobretudo, espaços de memória, de história, de vida.

Devem ser entendidos como utensílios indispensáveis ao desenvolvimento individual e coletivo do espírito, da tomada de consciência de nós próprios, do sentimento de cidadania e de identidade comunitária; por este motivo, o museu não pode concentrar-se apenas no público que o costuma visitar, mas sim, criar laços com a comunidade onde está inserido favorecendo o seu desenvolvimento. (SOUZA, 2010, p. 6).

Corroborando com Souza, Trilla (2004, p. 257) relata que “o museu é, hoje, um espaço polivalente [...], parceiro social, e receptáculo da memória coletiva da população da região onde se encontra inserido”. Para Souza (2010), os museus devem contribuir para o autoconhecimento e entendimento de uma população local e para a compreensão, pelos visitantes, do funcionamento das mudanças culturais. Eles trabalham permanentemente com o patrimônio cultural integral, ressaltando sua dimensão educativa, procurando, assim, desenvolver as identidades locais, regionais, nacionais e internacionais. Além disso, são



espaços de produção de conhecimento e oportunidades de lazer. Seus acervos e exposições favorecem a construção social da memória e a percepção crítica da sociedade. (LEITE, 2006).

Assim, o que mantém um museu vivo não é apenas a preservação das peças, ou dos bens culturais, mas, sobretudo, a relação desenvolvida com seus visitantes; deve por isso promover práticas sociais que deverão ser colocadas a serviço das pessoas que o visitam e do seu desenvolvimento. Neste sentido, ele é considerado um espaço de educação permanente que permite a participação da comunidade em geral. Por isso, a construção de relações próximas e proficientes entre o museu e a comunidade não pode esquecer um grupo específico e pouco privilegiado nas exposições que são os idosos, grupo em expansão em todo o mundo. Neste sentido, Souza destaca que:

O museu possui uma importância relevante no desenvolvimento do idoso como sujeito social, histórico e cultural. Este local apresenta-se como espaço privilegiado do desenvolvimento do idoso porque permite a realização de elos e associações a partir das suas experiências. (SOUZA, 2010, p. 9)

Ainda segundo a autora, como o museu é também considerado um depositário da memória de um povo, ele é possuidor de uma história que tem por obrigação de comunicar aos diversos públicos. Esta questão toca de forma diferente o público idoso, uma vez que em muitos museus este público poderá ter sido também ator importante da história que a exposição revela, em especial nos museus de História Regional, como é o caso do Museu Casa do Sertão, um dos lócus da pesquisa.

Entretanto, muitos dos museus existentes por todo o mundo já são espaços consagrados para diversos públicos, como crianças e jovens, escolares e famílias, mas ainda não o são para os idosos. A questão de pensar o museu para um tipo de visitante em especial, como o idoso, ainda está muito aquém das expectativas. O idoso tem uma percepção bastante diferente do que seja um museu se comparado com públicos de outras faixas etárias. Por isso as atividades desenvolvidas nestes espaços devem levar em conta as características desse público.

De acordo com Souza (2010), é preciso que haja um avanço na forma como se desenvolve a relação museu/idoso. Efetivamente, o museu assume-se como um espaço fértil na realização de programas para a promoção de um envelhecimento ativo. Afinal, o museu é um espaço de produção do conhecimento e oportunidade de lazer.

Ainda segundo a autora, as exposições museais favorecem a construção social da memória e a percepção crítica da sociedade. Com isso as atividades desenvolvidas no museu



devem ser uma ponte no tempo e no espaço entre a memória e a experiência do idoso. Neste contexto, os museus podem oferecer aos idosos o desenvolvimento da compreensão da sua cultura e da história da qual fazem parte.

Com esta forma de apresentação, os museus só têm a ganhar se aliarem as suas exposições ao contato com os mais velhos em cujas mãos podemos seguir a perícia e a experiência ganhas através de uma vida de trabalho e em cujas mentes encontramos ricas memórias individuais que fazem a história. Sendo assim, os museus têm uma importância extraordinária numa perspectiva de educação permanente em que o idoso se torna agente do seu próprio desenvolvimento, dialogando com a sociedade e interagindo com as outras gerações.

Através do museu, é permitido ao idoso estimular a educação permanente, desfrutar da cultura, estabelecer as bases para que os conhecimentos sejam partilhados de maneira flexível, enriquecedora e amena, enfim, propiciar e criar atitudes e meios para gozar a vida plenamente. (SOUZA, 2010, p. 10).

Para que haja um envelhecimento ativo é primordial o envolvimento do idoso na sociedade. Neste sentido, é fundamental que este recupere o seu lugar na vida e na comunidade participando de atividades culturais. Sendo assim, os museus se revelam como espaços férteis para a integração do idoso na sociedade, assim como os programas de educação permanente Universidade Aberta à Terceira Idade. Destaco este programa porque é oportuno falar dele, afinal de contas as idosas, colaboradoras desta pesquisa, fazem parte de um desses programas.

PERCURSO METODOLÓGICO

Esta pesquisa apresenta natureza empírica e método qualitativo, afinal o estudo se volta para a compreensão de determinada realidade a partir da interpretação de um fenômeno particular (JOHNSON; CHISTENSEN, 2012). Segundo Ludke; André (1986), a pesquisa que adota o referencial qualitativo se caracteriza por buscar significados e concepções explícitas e implícitas, construir dados a partir de descrições, ter caráter indutivo na análise de dados, ter como fonte direta de investigação o próprio ambiente e ter maior preocupação com o fenômeno do que com o produto.

Para Guba; Lincoln (1994), na pesquisa que adota o método qualitativo os dados fazem referência ao contexto, além de fornecerem uma visão rica do comportamento humano.



Além disso, esse método nos permite compreender os sujeitos participantes como seres históricos, além de analisar e caracterizar as condições nas quais ocorre todo o processo investigativo e, não somente, seus resultados e possíveis produtos (TRIVIÑOS, 2007).

A pesquisa foi realizada no Museu Antares de Ciência e Tecnologia e no Museu Casa do Sertão, ambos administrados pela UEFS e localizados no município de Feira de Santana. Neste artigo apresento apenas as impressões do Museu Casa do Sertão. O público-alvo desta pesquisa foi constituído por 43 idosos (42 mulheres e 01 homem) e, por esse motivo, utilizamos como referência o gênero feminino neste texto, quando nos referirmos ao grupo. As idosas são frequentadoras do Programa Universidade Aberta à Terceira Idade da UNEB (UATI-UNEB), do Departamento de Educação, Campus VII, o qual está localizado no Município de Senhor do Bonfim – BA.

Nesta pesquisa, nos interessamos em compreender como se estabelece o contato do público da terceira idade quando este se depara com experiências museais. E para alcançar esse objetivo, foi utilizada a observação direta da visita ao museu e, ao final, após as visitas, foi realizado um grupo focal.

A observação auxilia na compreensão da complexidade do comportamento humano e das inter-relações entre os grupos e com o meio ambiente, no nosso caso, a interação das idosas com os objetos (signos) no museu. Segundo Ludke e André (1986), é através da observação direta que o pesquisador pode se aproximar das perspectivas dos sujeitos, pois à medida que acompanha as experiências “in loco” pode tentar apreender os significados que eles atribuem à realidade que os cerca e às suas próprias ações.

Em um grupo focal a entrevista oferece oportunidades para os membros interagirem uns com os outros e estimularem uns aos outros a pensar. Entretanto, não é desejável ou necessário que o grupo chegue a um consenso na sua discussão. Esta técnica desloca a ênfase do entrevistador para aqueles que estão sendo entrevistados, ou seja, o entrevistador desempenha o papel de facilitador e encorajador do grupo (LICHTMAN, 2010).

Portanto, o uso do grupo focal se revela como uma potente ferramenta na investigação sobre as percepções e posicionamentos dos sujeitos sobre um determinado tema, mais ainda, quando pretendemos compreender também por que estes pensam como pensam ou como avaliam suas experiências.

IMPRESSÕES NO MUSEU CASA DO SERTÃO



O Museu Casa do Sertão é um espaço que tem por finalidade preservar e divulgar a cultura nordestina, em especial a cultura sertaneja. A sensação das idosas ao se depararem com os objetos expostos foi de uma recuperação de memória daquilo que já conheciam desde a infância e juventude, do cotidiano da vida, em convivência com familiares e amigos. A maioria relatou afinidade com os objetos que se referiam principalmente com o artesanato popular. Ao entrarem no local, ficou explícita a expressão de todas, com o olhar atento aos detalhes daquilo que estavam vendo, pareciam estar viajando no tempo, objetos que traziam lembranças do seu dia-a-dia no sertão, afinal são todas de origem sertaneja.

Ao entrar no espaço das fotografias observaram com bastante atenção aquelas expostas e foram várias as manifestações de identificação, como podemos observar na fala de algumas idosas: uma afirmou, ao observar uma fotografia de um casamento. “*Essa fotografia lembra o casamento da minha mãe*”; outra afirmou: “*Na minha casa tenho fotografias como essas*”. Essa sensação de reconhecimento foi notada em todos os espaços do museu: a cada objeto, um reencontro com o passado. Para Santos (2005, p. 45):

O objeto museológico como materialização da memória permite a ilusão de não mudar através do tempo, mantendo intacto, sem passar pelo envelhecimento inerente à natureza humana, já que a conservação deste, o faz atravessar o espaço e tempo, e a sua linguagem pode fazer dele um objeto simbólico de uma temporalidade.

Ao visitarem a sala dos brinquedos, passaram a ter um comportamento que lembrava uma criança. Todas queriam fazer algum comentário para confirmar que conheciam aqueles objetos e que eles fizeram parte de suas infâncias. Uma idosa disse, ao ver as bonecas de pano: “*as bonecas da minha infância!*”; outra disse: “*brinquei muito com esses brinquedos*”, se referindo aos objetos expostos.

Todo o percurso no Museu foi guiado por uma monitora, que falava sobre os objetos expostos, relatando um pouco da história de cada um. Vale salientar que todas ouviam as explicações com atenção, porém interagiam com as colegas e com a monitora fazendo comentários. Uma delas fez o seguinte comentário quando a monitora falava sobre os brinquedos, “*as crianças de hoje não brincam mais com esses brinquedos, é uma pena!*”.

Com essa fala, entendemos que os objetos museológicos apresentam-se como uma possibilidade para o exercício da reflexão histórica e como um processo cognitivo que pode ser um elemento agregador da comunidade, já que a sociedade atual não preserva a memória, diante de um mercado que valoriza o imediato e o efêmero.



Na sala de utensílios domésticos, os comentários de reencontro com os objetos continuaram e muitas voltaram ao tempo da sua infância e mocidade. Uma delas afirmou que o primeiro presente que recebeu do seu pai foi uma máquina de costura. E continuou: *“meu pai me deu essa máquina para eu aprender a costurar e ser uma boa dona de casa”*. Outra idosa completa o pensamento da colega dizendo: *“hoje as coisas mudaram, mas no nosso tempo toda moça deveria aprender a costurar, fazer renda, cozinhar para ser uma boa esposa”*.

O reencontro com esses objetos transportaram as idosas para um período das suas vidas, que segunda elas, é muito diferente dos dias de hoje, fato comprovado na fala a cima. Nesse período, por volta dos anos quarenta do século XX, existia um conjunto de valores que os pais transmitiam para seus filhos, alguns aplicar-se-iam indistintamente ao menino e à menina: “Respeito”, “Obediência”, “Honestidade”, “Trabalho”; mas outros seriam apenas ligados ao contingente feminino: “Submissão”, “Delicadeza no Trato”, “Pureza”, “Capacidade de Doação”, “Prendas Domésticas e Habilidades Manuais” (BIASOLI-ALVES, 2000).

Outro fato que consideramos importante foi comentado por elas durante a visita, em relação à criatividade humana para criar peças tão úteis. Uma idosa fez o seguinte comentário: *“o homem daquele tempo era inteligente para fazer esses objetos tão úteis, que facilitou a vida de todos nós”*. Outra destacou a capacidade de reutilizar objetos, quando apontou para um ralador de coco e disse: *“esse ralador foi feito de uma lata de óleo vazia que iria parar no lixo e contaminar o meio ambiente”*. Esse comentário foi compartilhado por muitas outras idosas que também apontavam para outros objetos que eram fabricados a partir de objetos que iriam parar no lixo.

Ao entrar no espaço Lucas da Feira, a mediadora fez uma breve introdução sobre o local, onde se encontravam as réplicas de enormes máquinas, como meio de transportes da época: utensílios para o trabalho na roça, utilizados por muitas ali presentes, que diziam ter trabalhado em fazendas. Ouviram as explicações, de forma atenta e participativa. Muitas narraram algumas de suas histórias de vida, olhavam atentamente a cada detalhe do que estavam vendo, tentavam manipular as máquinas mesmo sabendo que eram apenas réplicas. Uma idosa, ao se deparar com uma máquina de fazer farinha, comentou: *“ainda conseguiria trabalhar com estas máquinas, mesmo de olhos fechados. Quando trabalhava na roça com meus pais, fazia isso só pra conseguir um trocadinho pra no final do mês ter um dinheirinho pra curtir um forrozinho e paquerar, lá na roça mesmo, era tão bom!”*.



O local preserva a cultura sertaneja, guardando aspectos do cotidiano do homem sertanejo. Todas mostraram ter conhecimento prévio do que estavam observando e isso se tornou bastante perceptível, já que, ao serem dadas as explicações, elas complementavam com o que já sabiam. Uma das idosas mostrou a todos como se usava o pilão, a máquina de farinha e a moenda de cana, explicando detalhadamente como eram feitos os processos.

BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS DE CRIANÇA AINDA GUARDO NAS LEMBRANÇAS

As narrativas das experiências vivenciadas, desde a infância até a velhice, podem ser abordadas de forma comparativa, como reflexão, fornecendo elementos que dizem respeito aos sentimentos do que já foi feito ao tempo em que estabelece vínculos entre as memórias individuais e coletivas. Assim, dar voz às idosas implica necessariamente em ouvir as lembranças de mulheres que percorreram múltiplos caminhos, acumulando vivências e hoje rememoram releituras de uma temporalidade passada, mas que se mistura com o presente (BOSI, 1995).

Sentar para ouvir as idosas foi sem sombras de dúvidas uma experiência marcante, pois foi necessário para, registrar atentamente cada fala, cada gesto, cada lembrança, cada saudade, sendo concretizada por meio das palavras. As palavras ditas naquele momento eram sagradas e vinham do mais profundo, do cantinho mais reservado, mais escondido daquelas mulheres que ao regressarem no tempo e no espaço das suas brincadeiras voltavam a ser criança.

No processo de construção das identidades pessoais e coletivas, as brincadeiras têm papel preponderante, sendo a infância um momento impar de descobertas contínuas. Os brinquedos e as brincadeiras utilizadas nesse momento irão dar contornos aos desenhos projetados para a vida adulta. A criança vai sendo formada e se formando de maneira lúdica e inconsciente e, nesse sentido, não há um compromisso com o erro e o acerto, o prazer é o que conta. Contudo, nesse brincar há uma intencionalidade, há um direcionamento projetado pelo mundo adulto, o que poderíamos chamar de um ensaio daquilo que seremos na vida adulta.

Durante a nossa conversa na realização do grupo focal podemos constatar que alguns brinquedos e algumas brincadeiras presentes no Museu Casa do Sertão marcaram a vida dessas mulheres que viveram sua infância entre as décadas 30 e 40 do século XX. A experiência no Museu Casa do Sertão foi uma volta ao passado. Quando as idosas se depararam com a exposição dos brinquedos e brincadeiras, foram vários os relatos de



reconhecimento. Sendo assim, quando mostramos as imagens dos brinquedos e das brincadeiras que estavam expostas e solicitamos para que as idosas relatassem o que sentiam, algumas se emocionaram e queriam voltar ao tempo e ser criança outra vez. Como podemos constatar na fala de dona Angélica quando viu as bonecas de pano:

“Já tive várias dessas bonecas, minha vó fazia pra mim. Me deu uma saudade, uma vontade de voltar a ser criança e brincar com aquelas bonecas”.

Foi interessante perceber que brincar com boneca de pano era uma brincadeira comum a todas as meninas daquela geração, mesmo tendo vivido em espaços e em meios sociais diferentes, elas tinham uma conexão, um projeto comum traçado e no qual elas deveriam se encaixar. Para dona Hortência:

“Uma das brincadeiras da minha época era brincar de boneca de pano”.

Brincar de boneca é eleito por dona Rosa como sua brincadeira preferida:

“A boneca, o que eu mais gostava era uma boneca de pano do meu tamanho, tinha os cabelos compridos e eu tinha que arrumar sempre esses cabelos e ela vestia a mesma roupa que eu. Era como se fosse uma irmã mais nova, pra mim ela era tudo. Eu levantava e cuidava de mim e logo depois eu ia cuidar da boneca, eu limpava ela, sacudia pra tirar a poeira, pois eu não podia lavar porque era de pano e foi minha avó que fez, porque minha avó era costureira”.

Essas falas carregadas de saudades, de um tempo que não volta mais e submersas num espaço e num tempo no qual as meninas competiam brincar de ser mulher, nos ajudam a compreender que os espaços das brincadeiras são espaços de gênero, neles ficam nítidos o que compete aos meninos e o que compete às meninas. Segundo Jarvis (2009) é nesses espaços que as crianças estão desenvolvendo ativamente sua compreensão de gênero ao tempo em que exploram os conceitos do ser menina e do ser menino.

Por outro lado, as idosas apontaram outros objetos expostos como sendo brinquedos apenas dos meninos, como os carros de lata, os carrinhos de rolimã e o pneu com cabo de vassoura (figura 01).



Figura 01: Brinquedos de meninos. A - Carro de rolimã, pneu com cabo de vassoura. B- Carrinhos feitos de latas. Fonte: Bastos, 2013.

“Na minha época, meninas não brincavam com meninos, esses brinquedos aí eram só dos meninos. Na minha casa tinha esses carrinhos de lata, mas só meus irmãos podiam brincar”. (dona Camélia)

E dona Violeta completa a fala da colega dizendo:

“Não vou mentir, Eu tinha muita vontade de brincar com os brinquedos dos meninos, mas era proibido, agente só podia brincar de boneca de pano, de fazer roupas para as bonecas e de fazer comida, só coisas de menina, hoje as coisas estão diferentes, meninos brincam com meninas”.

Nesse sentido, podemos perceber o quanto os brinquedos e as brincadeiras eram demarcadas e delimitadas entre o que pode e o que não pode, o que deve e o que não deve, entre aquilo que era culturalmente aceito e o não aceito, estabelecendo assim um abismo simbólico e real, dividindo o mundo das crianças no mundo dos meninos e mundo das meninas. Quando viram as imagens do carinho de rolimã, o pneu com cabo de vassoura e os carrinhos de lata, foram unânimes em afirmar que esses eram brinquedos de meninos.

“Meus irmãos tinham esses carrinhos e eram eles que faziam.” (dona Rosa)

“Esses aí só os meninos podiam brincar, as nossas brincadeiras eram mais dentro de casa.” (Dona Violeta)

De acordo com as falas, percebemos que os brinquedos e as brincadeiras produzidas e reproduzidas cotidianamente pelas idosas ainda na infância iam traçando, projetando o espaço que a sociedade da época reservava a elas. Esse espaço, Louro (2007) define como o espaço privado, sendo ele limitado ao ambiente doméstico, ao cuidado com as coisas do lar, dos filhos e filhas, esse foi e é o espaço historicamente destinado às mulheres. Aos homens compete a espaço público, a rua, a sociedade, a política, simbolizado pelo brincar fora.



Neste sentido, fica claro o quanto as brincadeiras num determinado contexto social, cultural e econômico vai tecendo, vai construindo e formando as pessoas. Durante a realização à visita ao Museu Casa do Sertão e durante a realização do grupo focal foi sendo evidenciada de forma nítida a intencionalidade dos brinquedos e das brincadeiras que marcaram a infância dessas mulheres.

O brincar dessas meninas se constituía na verdade em uma oficina, na qual elas aprendiam a ser mães, donas de casa, mulheres obedientes aos seus maridos. Ao brincar de boneca, cuidando delas como se fossem bebê, elas ensaiam a maternidade, pregada como algo natural e sagrado e cuja experiência toda menina teria que fazer pra se tornar uma mulher de verdade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A principal motivação para a presente investigação foi compreender a percepção e analisar o comportamento das idosas quando elas se deparam com experiências museais, tendo em vista que este público tem sido pouco contemplado nas investigações relacionadas ao estudo de público em museus.

Os resultados fornecem um importante conjunto de dados empíricos sobre o comportamento das idosas em museus de história regional. A partir da interpretação dos dados obtidos nos três momentos (sondagem, visita ao museu e grupo focal). No Museu Casa do Sertão, foi um reencontro com o passado, todos os objetos expostos de alguma forma fizeram parte da vida das idosas, começando pelos brinquedos, passando pelos utensílios domésticos até os instrumentos de trabalho. Neste museu notamos que as idosas interagiram com os objetos com certa familiaridade, ficaram a vontade para comentar sobre os objetos e relembrar do passado. Nesse sentido, o museu assume papel de preservar a memória da cultura sertaneja.

Por outro lado, ficou evidente o papel do museu na disseminação do conhecimento científico quando ele expõe os avanços tecnológicos ocorridos ao longo do tempo em alguns objetos exposto.

Sendo assim, os museus não são somente espaços de preservação da história e memória de um povo ou região, mas também são espaços de lazer, entretenimento e interação. Além disso, têm um papel educativo importante como agentes de difusão e divulgação científica e, por isso, partimos do princípio de que seus acervos representam excelentes



instrumentos didáticos e metodológicos para a obtenção de novas experiências e informações, além de contribuírem para a aquisição de conhecimentos científicos.

REFERÊNCIAS

BIASOLI-ALVES, Zélia Maria Mendes. Continuidades e Rupturas no Papel da Mulher Brasileira no Século XX. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Set-Dez 2000, Vol. 16 n. 3, pp. 233-239.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. São Paulo: Companhia das Artes, 1995.

CAZELLI, S.; MARANDINO, M.; STUDART, D. Educação e Comunicação em Museus de Ciências: aspectos históricos, pesquisa e prática. In: GOUVÊA, G.; MARANDINO, M.; LEAL, M. C. (Org.). **Educação e Museu: a construção social do caráter educativo dos museus de ciências**. Editora Access/Faperj, Rio de Janeiro, p.83-106, 2003.

FERNÁNDEZ, A. **Museología y Museografía**. Ediciones del Serbal. Barcelona, 1999.

GARCIA, V. A. Um sobrevoo: o conceito de educação não-formal. In: PARK, M. B & FERNANDES, R. S. **Educação Não-Formal** – Contextos, percursos e sujeitos. Campinas: Unicamp/CMU, Editora Setembro. 2005.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor**. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Educação não-formal e cultura política**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: aval. pol.públ. educ.** Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

GUBA, E. G.; LINCOLN, Y. W. Competing paradigms in qualitative research. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Ed.). **Handbook of qualitative research**. Thousand Oaks: Sage, 1994. p. 105-117.

JACOBUCCI, Daniela Franco Carvalho. Contribuições dos espaços não-formais de educação para a formação da cultura científica. **Revista em Extensão**, Uberlândia, v. 7, 2008.

JOHNSON, B.; CHRISTENSEN, L. **Educational research: quantitative, qualitative, and mixed approaches**. Thousand Oage, 2012.

LEITE, Maria Isabel. Crianças, velhos e museu: memória e descoberta. *Cad, cedes*, vol. 26, n. 68, p. 74-85, jan/abr. 2006.

LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis – RJ: Vozes. 2007.



LOUREIRO, Maria Lúcia N. M. **Museus de arte no ciberespaço: uma abordagem conceitual.** Rio de Janeiro, UFRJ/ECO-IBICT, 2008. Tese (Doutorado em Ciências da Informação).

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos pra quê?** 10. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

LICHTMAN, M. **Qualitative reseach in educacion: a user's guide.** Thousand Oaks: Sage, 2010.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. de. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MARANDINO, Martha. Enfoques de educação e comunicação nas bioexposições de museus de ciências. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências.** Bauru, v. 3, n. 1, p. 103-109, 2003.

MARANDINO, Martha; et al. A Educação Não Formal e a Divulgação Científica: o que pensa quem faz? **Atas do IV Encontro Nacional de Pesquisa em Ensino de Ciências - ENPEC,** Bauru, 2004.

OLIVEIRA, C. L.; MOURA, D. G. de. Projeto Trilhos Marinhos – uma abordagem de ambiente não-formais de aprendizagem através da metodologia de projetos. **Revista Educação e Tecnologia,** Belo Horizonte, v. 10, n. 2, p. 46-51, jul/dez 2005.

PEREIRA, J. S; SIMAN, L. M. C.; COSTA, C. M. NASCIMENTO, S. S. **Escola e museu: diálogos e práticas.** Belo Horizonte: SUM/CEFOR, 2007. 128p.

SANTOS, Vânia Carvalho Rôla. Cultura, identidade e memória: uma leitura informacional dos museus históricos em ambientes comunitários. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação, 2005.

SOUSA, Jeanny Gil. Museu, 3ª idade e animação: relações de enriquecimento. **Revista Práticas de Animação,** ano 4, nº 3, out/2010.

TRIVIÑOS, A. N. Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: A pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 2007.

VALENTE. José Antonio. **Aprendizagem continuada ao longo da vida: o exemplo da terceira idade.** São Paulo: USP, 1995.